

ANÁLISES DO DISCURSO: CONCEITOS, APLICAÇÕES E POSSIBILIDADES

DISCOURSE ANALYSIS: CONCEPTS, APPLICATIONS AND POSSIBILITIES

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos¹

Universidade de São Paulo

Resumo: A Análise do Discurso (AD) constitui-se como campo interdisciplinar fundamental para a compreensão de como a linguagem funciona como prática social, revelando as ideologias e relações de poder subjacentes aos enunciados. Este artigo objetiva apresentar os principais conceitos teóricos, vertentes metodológicas e aplicações contemporâneas da Análise do Discurso, destacando suas possibilidades analíticas em diferentes contextos de investigação. Através de revisão bibliográfica, identificam-se as principais tradições teóricas—Análise de Discurso Francesa, Análise Crítica do Discurso e Análise Dialógica—seus pressupostos epistemológicos, procedimentos metodológicos e contribuições para o entendimento dos fenômenos discursivos. Conclui-se que a AD, em suas múltiplas configurações, oferece instrumentos potentes para desvelar processos de significação, construção identitária e dinâmicas de poder nas práticas discursivas contemporâneas, particularmente relevante em contextos digitais e midiáticos.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Ideologia; Prática Social; Significação; Poder.

Abstract: Discourse Analysis (DA) is constituted as a fundamental interdisciplinary field for understanding how language functions as social practice, revealing the ideologies and power relations underlying utterances. This article aims to present the main theoretical concepts, methodological approaches and contemporary applications of Discourse Analysis, highlighting its analytical possibilities in different research contexts. Through bibliographic review, the main theoretical traditions—French Discourse Analysis, Critical Discourse Analysis and Dialogical Discourse Analysis—their epistemological assumptions, methodological procedures and contributions to understanding discursive phenomena are identified. It is concluded that DA, in its multiple configurations, offers powerful tools to unveil processes of signification, identity construction and power dynamics in contemporary discursive practices, particularly relevant in digital and media contexts.

Keywords: Discourse Analysis; Ideology; Social Practice; Signification; Power.

Submetido em 22 de janeiro de 2026.

Aprovado em 21 de fevereiro de 2026.

¹ Linguista. Mestre e Doutor em Educação. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1861-0902>. Email: dpestana@usp.br.

Introdução

A linguagem constitui-se não apenas como instrumento de comunicação, mas fundamentalmente como prática social atravessada por relações de poder, ideologia e história. Ela não é um sistema neutro de signos nem um simples código técnico, pois se organiza a partir das relações concretas entre os sujeitos em contextos culturais específicos. Cada ato de linguagem carrega marcas do tempo histórico, das disputas simbólicas e das condições sociais de sua produção, o que significa que falar, escrever ou silenciar são sempre formas de ação social. Nesse sentido, a linguagem participa ativamente da constituição da realidade, orientando modos de pensar, sentir e agir, ao mesmo tempo em que é moldada pelas estruturas sociais existentes.

Entender a linguagem como prática social implica reconhecer que ela está atravessada por relações de poder e por ideologias que definem quais discursos são legitimados e quais são marginalizados. Normas linguísticas, discursos institucionais e formas socialmente valorizadas de expressão não são naturais, mas resultam de processos históricos que refletem interesses de determinados grupos sociais. Assim, a linguagem pode tanto reproduzir desigualdades quanto servir como espaço de resistência e transformação, dependendo de como é apropriada pelos sujeitos. Nessa perspectiva, analisar a linguagem significa investigar os modos como os sentidos são produzidos, disputados e regulados na sociedade, evidenciando seu papel central na manutenção ou na problematização das hierarquias sociais e culturais.

Nessa perspectiva, a Análise do Discurso (AD) emerge como campo investigativo que ultrapassa os limites da gramática e da sintaxe formal, propondo-se a examinar como os sujeitos produzem sentidos e constroem realidades através de seus enunciados. Orlandi (2005, p. 10) explica que a AD representa um corte epistemológico nas ciências da linguagem ao trazer para seu escopo teórico a relação constitutiva entre linguagem e ideologia, modificando fundamentalmente a própria concepção do que é linguagem.

A AD não se constitui como disciplina unificada. Conforme apontam estudiosos do campo, ela representa um conjunto relacionado de abordagens ao discurso desenvolvidas em diferentes contextos geográficos e tradições intelectuais. Destacam-se, entre estas, a análise do discurso francesa de base materialista, a análise crítica do discurso

de tradição anglo-saxônica, a análise dialógica fundamentada no pensamento bakhtiniano, e desenvolvimentos mais recentes como a análise do discurso digital.

O presente artigo propõe uma reflexão abrangente acerca dos conceitos fundamentais, das vertentes teórico-metodológicas e das possibilidades aplicativas da Análise do Discurso em contextos contemporâneos. Seu objetivo central é contribuir para a compreensão de como a AD funciona como instrumental analítico capaz de desvelar os mecanismos através dos quais a linguagem produz efeitos de sentido, constrói identidades sociais e naturaliza ou contesta relações de dominação.

1. Fundamentos Conceituais da Análise do Discurso

A Análise do Discurso surge historicamente na França, no final da década de 1960, como resposta crítica à abordagem estruturalista dominante que priorizava as regras e estruturas formais da linguagem, desconectadas de seu uso contextual e de suas implicações ideológicas. Michel Pêcheux, figura central na constituição da AD francesa, propõe a desconstrução das noções tradicionais de sujeito, linguagem e sentido, inserindo-as em uma teorização materialista das práticas discursivas.

Conceitos-chave para a compreensão da AD incluem: (1) o discurso, compreendido não como sequência linguística fechada, mas como prática social de produção de textos inserida em condições histórico-sociais específicas; (2) o texto, que é o produto empírico da atividade discursiva sobre o qual o analista se debruça; (3) as condições de produção, que abrangem tanto aspectos materiais quanto institucionais que moldam o que pode e deve ser dito em dada conjuntura; (4) a ideologia, compreendida não como ocultação, mas como processo de constituição de sujeitos e de seus sentidos.

Pêcheux (1988, p. 161) postula que os indivíduos são "interpelados" em sujeitos-falantes pelas formações discursivas, que "representam 'na linguagem' as formações ideológicas que lhe são correspondentes." Essa interpelação não se processa de forma unilateral ou determinista; trata-se de um processo complexo em que o sujeito não é fonte dos sentidos, mas lugar atravessado por múltiplas determinações históricas e ideológicas.

A noção de formação discursiva (FD) constitui-se como conceito fundamental na AD francesa. Uma formação discursiva é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas, que define o que pode e deve ser dito em situação dada em uma conjuntura dada. O sentido das palavras não é intrínseco a elas; conforme afirma Haroche,

Henry e Pêcheux (2007, p. 26), as palavras "mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam. [...] as palavras 'mudam de sentido' ao passar de uma formação discursiva a outra."

Dois conceitos complementares relacionam-se à formação discursiva: o interdiscurso e o intradiscurso. O interdiscurso refere-se aos saberes constituídos na memória do dizer, aos sentidos do que é dizível e circula na sociedade, representando o eixo da constituição do discurso. O intradiscurso, por sua vez, é a materialidade, a formulação do texto, o fio do discurso, representando o eixo da linearização. Essa articulação entre interdiscurso e intradiscurso permite compreender como os sentidos se constituem não de forma isolada, mas na relação dialética entre o já-dito (a memória discursiva) e o que se diz em dado enunciado.

2. Tradições e Vertentes Teórico-Metodológicas

2.1 Análise de Discurso de Orientação Francesa

A análise do discurso francesa, desenvolvida por Pêcheux e seus colaboradores, fundamenta-se em pressupostos marxistas e em uma concepção materialista da linguagem. Seu foco privilegiado reside na compreensão de como os processos discursivos, determinados pelas condições históricas de produção, constituem os sujeitos e produzem efeitos de sentido. A análise não se centra na descrição gramatical formal, mas na investigação das regularidades discursivas que permitem ao analista apreender o funcionamento ideológico do discurso. Um procedimento analítico central nessa tradição é o dispositivo de análise formulado por Orlandi (2009, p. 62), especialmente quando a autora propõe o contraste sistemático entre o dito e o não dito como estratégia para compreender os processos de produção de sentido. Ao observar o que o sujeito diz em determinado lugar social, institucional ou histórico, em relação ao que é dito em outros lugares, por outros sujeitos ou sob outras condições de produção, a análise desloca o foco da superfície do enunciado para os efeitos de sentido que se constituem na relação entre linguagem, memória discursiva e ideologia.

Esse procedimento exige atenção não apenas às palavras efetivamente enunciadas, mas também aos silêncios, às omissões, às reformulações e às regularidades que atravessam os discursos. O não dito não é entendido como ausência ou falha, mas

como elemento constitutivo do dizer, pois participa ativamente da construção dos sentidos e revela os limites do que pode ou não ser enunciado em determinadas formações discursivas. Assim, o discurso é analisado como espaço de tensão, onde diferentes sentidos disputam legitimidade e onde a materialidade linguística se articula a condições históricas e sociais específicas.

Nessa perspectiva, conforme enfatiza Orlandi (2005), a análise de discurso investiga de modo indissociável a relação entre sujeito, linguagem e sociedade, tomando a ideologia como categoria central de compreensão. A linguagem não é concebida como instrumento transparente de comunicação ou simples veículo de informação, mas como prática simbólica atravessada por relações de poder que estruturam o dizer e o silêncio. Não há discurso sem sujeito, assim como não há sujeito fora da ideologia, pois é no interior das formações ideológicas que os sujeitos se constituem e se reconhecem como autores de seus dizeres. O foco da análise recai, portanto, sobre os processos de significação, interrogando como os sentidos se estabilizam, se deslocam ou se transformam ao longo do tempo. Ao deslocar a atenção do conteúdo explícito para as condições de produção do discurso, essa abordagem permite compreender como a linguagem participa da reprodução ou da problematização das hierarquias sociais, evidenciando seu papel central na organização simbólica da vida social e na constituição histórica dos sujeitos.

2.2 Análise Crítica do Discurso

A Análise Crítica do Discurso (ACD), desenvolvida principalmente por Norman Fairclough, representa a abordagem anglo-saxônica de maior influência nos estudos discursivos contemporâneos. Fairclough (2001, p. 28) define a ACD como uma abordagem que considera a linguagem como forma de prática social em relação dialética com estruturas sociais" e postula que "a linguagem tem poder constitutivo.

A contribuição central de Fairclough consiste na formulação de um modelo tridimensional de análise que articula: (1) a análise de textos, investigando seus aspectos linguísticos e retóricos; (2) a análise de práticas discursivas, examinando os processos de produção, distribuição e consumo dos textos; e (3) a análise de eventos discursivos como instâncias de práticas socioculturais mais amplas. Esse modelo permite aos analistas

compreender não apenas o que é dito, mas como é dito e em que condições sociais se produz o discurso.

Fairclough (1989, p. 15) argumenta que "a língua conecta com o social sendo o domínio primário da ideologia e sendo tanto o interesse principal como o lugar em que têm lugar as lutas de poder." A ACD fundamenta-se também em tradições teóricas críticas, incorporando contribuições de pensadores como Marx, Gramsci, Althusser, Habermas, Foucault e Bourdieu.

Um aspecto relevante da ACD diz respeito à noção de hegemonia, derivada de Gramsci. Conforme explica Vieira (2005, p. 12), a hegemonia é compreendida como "um contínuo processo de formação e suplantação de um equilíbrio instável," permitindo à ACD trabalhar com uma visão que não reduz os sujeitos a produtos unilaterais de estruturas fixas, reconhecendo sua capacidade de agência e transformação social. O discurso é concebido como forma de luta hegemônica em que seleções linguísticas e textuais refletem e reforçam hegemonias sociais específicas.

2.3 Análise Dialógica do Discurso

A Análise Dialógica do Discurso fundamenta-se na filosofia da linguagem desenvolvida por Mikhail Bakhtin e pelo chamado Círculo de Bakhtin, cuja contribuição central consiste em compreender a linguagem como processo essencialmente social, histórico e relacional. Nessa perspectiva, a linguagem não é concebida como sistema abstrato de signos nem como expressão individual isolada, mas como atividade concreta de interação entre sujeitos situados historicamente. Bakhtin afirma que toda enunciação se constitui como resposta a outras enunciações anteriores e, simultaneamente, como antecipação de respostas futuras, inserindo-se em uma cadeia comunicativa ininterrupta. O sentido, portanto, não reside exclusivamente na materialidade linguística do enunciado, mas emerge da relação dialógica entre vozes sociais diversas, atravessadas por valores, posições ideológicas e condições históricas específicas. Cada palavra carrega ecos de usos anteriores, disputas semânticas e marcas de contextos sociais que condicionam o que pode ser dito e compreendido.

A Análise Dialógica do Discurso, ao assumir essa concepção, desloca o foco analítico do texto isolado para os processos de interação discursiva e para a heterogeneidade constitutiva do dizer. O discurso passa a ser compreendido como espaço

de encontro e confronto entre vozes, em que diferentes perspectivas sociais dialogam, se tensionam e se reconfiguram. Essa abordagem permite analisar como os sujeitos se posicionam discursivamente, apropriando-se de palavras alheias, ressignificando sentidos e negociando lugares de fala no interior das práticas sociais. Assim, o dialogismo não se restringe à troca explícita entre interlocutores, mas refere-se a uma condição ontológica da linguagem, na qual todo dizer é atravessado por outros dizeres, explícitos ou implícitos. Ao evidenciar essa dinâmica, a ADD contribui para uma compreensão crítica do discurso como prática social viva, marcada pela historicidade, pela pluralidade de vozes e pelas disputas simbólicas que estruturam a produção de sentidos na vida social.

O conceito bakhtiniano de dialogismo representa o princípio fundamental da ADD. O dialogismo significa que existe sempre diálogo de um discurso com outros discursos e com as diversas instâncias da interação entre sujeitos sócio-históricos. Toda enunciação é sempre já heterogênea, contaminada por outras vozes, outras visões de mundo. As palavras chegam ao sujeito "já de segunda-mão", sempre já habitadas pelas marcas que outros usuários nelas imprimiram.

A ADD incorpora conceitos como polifonia (multiplicidade de vozes no texto), heterogeneidade discursiva, intertextualidade e gêneros discursivos. A noção bakhtiniana de gênero opera uma transformação significativa nos estudos discursivos: gêneros não são meras categorias formais, mas fenômenos vivos, relativamente estáveis, que se constituem nas práticas concretas de linguagem historicamente situadas. Conforme aponta Fiorin (2008, p. 19), é justamente a partir dessa perspectiva que Bakhtin constitui o conceito de dialogismo, em um entrelaçamento entre sujeito e objeto que propõe uma síntese dialética imersa na cultura e na história.

3. Procedimentos Metodológicos e Práticas Analíticas

3.1 Construção do Corpus e Recortes Discursivos

A investigação em AD inicia-se pela definição clara do objeto de análise e das condições de produção no tempo e espaço. Conforme orienta a metodologia contemporânea, o processo analítico organiza-se em etapas sequenciais. Primeiramente, constitui-se o arquivo de pesquisa, compreendendo todo material selecionado textos escritos, discursos orais, mídias sociais, entrevistas, materiais visuais que possa contribuir

à investigação.

Em segundo momento, realiza-se a construção do corpus discursivo propriamente dito, procedimento que envolve recorte e filtragem do arquivo inicial. Nem todo material coletado será objeto de análise; muito dele pode compor um corpus de apoio com materiais secundários. O corpus discursivo, portanto, resulta de seleção cuidadosa dos elementos que de fato interessam à investigação.

Do corpus discursivo, recortam-se sequências discursivas frases, imagens, formas de dizer que representem as regularidades significativas do fenômeno investigado. Não se trata de analisar um texto do início ao fim de forma exaustiva; trata-se de selecionar recortes que efetivamente permitam ao analista compreender o funcionamento discursivo em relação aos objetivos da pesquisa.

3.2 Análise e Interpretação do Discurso

A análise propriamente dita volta-se para a descrição da materialidade significante dos recortes selecionados. Conforme explica Orlandi (2009), o analista busca identificar a discursividade do objeto, construindo um objeto discursivo que desnaturaliza a ilusão de que o que foi dito só poderia ser dito daquela maneira. Nesta fase, observam-se as relações entre dito e não-dito, entre paráfrases e sinonímias, entre diferentes formas de enunciar um mesmo conteúdo, permitindo emergir as configurações iniciais de formações discursivas.

Subsequentemente, com o objeto discursivo delimitado, torna-se possível observar o jogo de sentidos dos enunciados e compreender a formação ideológica que os rege. Procedem-se análises dos mecanismos parafrásticos e metafóricos, investigam-se as escolhas lexicais específicas, as estruturas sintáticas, as estratégias argumentativas, bem como a disposição das informações no texto. Identificam-se tópicos recorrentes, padrões argumentativos, representações de atores sociais e relações de poder expressas linguisticamente.

Para Fairclough (2001), a análise textual pode enfatizar diversos aspectos: processos de transitividade (tipos de processos representados), modalidade (expressão de certeza, obrigação, possibilidade), avaliação (atitudes axiológicas), coesão e coerência, pressuposições implícitas e práticas intertextuais. A análise não se restringe ao nível

textual; articula-se com investigações das condições de produção do discurso, dos processos institucionais de circulação e consumo, bem como das estruturas sociais mais amplas que moldam práticas discursivas.

3.3 Considerações sobre Rigor Metodológico

É fundamental destacar que a Análise de Discurso não se configura como um procedimento técnico de aplicação automática de teorias ou categorias previamente definidas. Trata-se, ao contrário, de um gesto analítico que exige do pesquisador uma postura epistemológica rigorosa, crítica e reflexiva diante do material empírico. Conforme assinala Eni Orlandi, o trabalho analítico demanda a seleção criteriosa das ferramentas teóricas em consonância com as condições de produção do discurso investigado, evitando leituras generalizantes ou descontextualizadas. O rigor metodológico, nesse sentido, não se expressa na padronização dos procedimentos, mas na coerência entre objeto, teoria e análise, bem como na explicitação dos recortes, das escolhas interpretativas e das posições assumidas pelo pesquisador ao longo do processo. Tal postura reconhece que toda análise é situada e atravessada por historicidade, o que implica assumir a incompletude e a provisoriedade dos sentidos produzidos.

A aplicação crítica dos pressupostos da Análise de Discurso permite, assim, ultrapassar a mera descrição textual e avançar na compreensão dos processos de significação que estruturam os enunciados. O rigor metodológico manifesta-se na capacidade de evidenciar as camadas profundas de sentido, revelando como a linguagem opera na produção e na naturalização de determinadas visões de mundo, bem como na manutenção ou no tensionamento das relações de poder. Ao considerar a linguagem como prática social e ideológica, a análise passa a interrogar não apenas o que é dito, mas as condições que tornam possível esse dizer e não outro, em determinado momento histórico. Desse modo, o rigor não se confunde com neutralidade, mas com responsabilidade teórico-metodológica, na medida em que o pesquisador assume a linguagem como espaço de disputa simbólica e o discurso como lugar privilegiado de inscrição das contradições sociais.

4. Aplicações Contemporâneas da Análise do Discurso

4.1 Análise do Discurso Digital e em Redes Sociais

As práticas discursivas contemporâneas transformaram-se significativamente com a emergência de tecnologias digitais. A Análise do Discurso Digital não constitui uma simples extensão ou "subárea" da AD tradicional. Trata-se da constituição do digital como campo de questões para a linguagem, configurando novos objetos de análise que transcendem categorias analíticas convencionais.

O discurso digital caracteriza-se pela co-presença de matéria linguística e técnica. Elementos como hiperlinks, URLs, hashtags, metadados e outras "tecnopartículas" formam uma nova ecologia discursiva que rompem com a linearidade textual tradicional. A hipertextualidade e a deslinearização redefinem fundamentalmente o ato comunicativo, transformando o leitor em "escreitor"—sujeito ativo e co-produtor de sentido em processo dinâmico de leitura-escrita simultâneas.

Nas redes sociais, o discurso opera na construção de identidades, na performatividade discursiva e na produção de sentidos sob dinâmicas ideológicas e sociotécnicas peculiares. Acosta Pereira e Oliveira (2022) apontam que as práticas de comunicação digital reconfiguram modos de interação, identidade e produção de sentido, emergindo novas formas de enunciação e performatividade em que o sujeito se constrói através da visibilidade, da interação e da constante negociação de significados. A linguagem digital não apenas reflete, mas reproduz práticas sociais, ideológicas e identitárias que redefinem o espaço público contemporâneo.

4.2 Aplicações em Contextos Educacionais e Midiáticos

No campo da educação, a AD representa ferramental crucial para análise crítica de textos midiáticos e para desenvolvimento de competências leitoras que transcendam a decodificação superficial. Conforme destacam Silva e Melo (2020), o processo de ensino-aprendizagem não pode ignorar as transformações pelas quais passa a realidade, sendo necessário trazer para a sala de aula diferentes linguagens visando desenvolver competências de leitura e produção dos diversos discursos que permeiam a sociedade

contemporânea.

Na análise de discursos midiáticos, a ACD permite desvelar as ideologias veiculadas em reportagens, campanhas publicitárias, programações televisivas e conteúdo em plataformas digitais. Araújo (2020) demonstra como a análise de programas televisivos revela processos de reprodução de desigualdades e naturalização de estereótipos através de escolhas linguísticas e visuais específicas. O discurso midiático, longe de ser neutro ou meramente informativo, apresenta intencionalidades educativas e reproduz formações ideológicas que moldam a compreensão pública de fenômenos sociais.

4.3 Midiativismo e Mobilização Social

Estudos recentes investigam como grupos midiativistas—coletivos que utilizam tecnologias de informação e comunicação para ativismo social—mobilizam práticas discursivas para contestação, denúncia e proposição de transformações sociais. Ferreira (2021) propõe um modelo de análise que articula a concepção tridimensional de Fairclough (texto, prática discursiva, prática social) para interpretar significados de publicações oriundas de grupos midiativistas em redes sociais digitais.

Estes grupos demarcam-se pela apropriação crítica do discurso midiático dominante, pela ressignificação de termos e símbolos e pela produção de narrativas contra-hegemônicas. A análise de seus discursos revela como sujeitos sociais utilizam recursos linguísticos e tecnológicos para lutas de representação, desafiando posições estabelecidas e propondo alternativas interpretativas de realidades sociais.

5. Possibilidades e Perspectivas Futuras

5.1 Desafios Analíticos Contemporâneos

A análise do discurso contemporâneo enfrenta desafios significativos relacionados à aceleração das transformações tecnológicas e às novas configurações de produção e circulação de sentidos. A emergência de inteligências artificiais e sistemas de geração automática de conteúdo introduz questões éticas, sociais e comunicacionais inéditas. Torna-se necessário desenvolver análises críticas que considerem os impactos da automação discursiva em fenômenos como desinformação, polarização e ativismo

digital.

A quantidade massiva de discursos em circulação nas plataformas digitais coloca desafios metodológicos para analistas. Como selecionar corpus significativos? Como manter rigor analítico diante de volumes exponenciais de enunciados? Estas questões impulsionam o desenvolvimento de abordagens híbridas que combinam análise qualitativa com ferramentas computacionais, sem, contudo, reduzir o discurso a fenômeno puramente quantificável.

Outro desafio refere-se à complexidade interdisciplinar exigida pela AD. Como explica Costa Lima (2020), a AD é simultaneamente teoria e método(s), implicando perspectiva sobre a natureza da linguagem e sua relação com questões centrais das ciências sociais. Essa interdisciplinaridade, embora enriquecedora, exige dos pesquisadores domínio de múltiplas tradições teóricas e cuidado epistemológico para evitar sincretismos estéreis.

5.2 Direções Futuras e Contribuições Possíveis

A AD oferece potencial significativo para investigações futuras em diversas direções. Entre as direções mais promissoras, destacam-se os estudos críticos sobre plataformas digitais, em especial aqueles que investigam o papel dos algoritmos na mediação das práticas comunicativas. Sistemas automatizados de recomendação, moderação e visibilidade discursiva operam como instâncias de poder que organizam o que pode circular, ganhar destaque ou ser silenciado nos espaços digitais. Compreender como esses dispositivos técnicos se articulam às formações ideológicas e às condições históricas de produção do discurso torna-se fundamental para a análise das dinâmicas de poder na contemporaneidade. A AD pode contribuir de forma decisiva ao deslocar o foco da tecnologia como elemento neutro para compreendê-la como prática discursiva material, atravessada por interesses econômicos, políticos e culturais que incidem diretamente sobre a constituição dos sujeitos e dos sentidos.

Outra direção relevante diz respeito à necessidade de aprofundamento da análise de fenômenos multimodais, característicos das formas atuais de comunicação. Textos que articulam linguagem verbal, visual, sonora e gestual desafiam os modelos analíticos tradicionalmente centrados no discurso escrito ou oral, exigindo o desenvolvimento de

ferramentas teóricas capazes de apreender a articulação entre diferentes sistemas de significação. Nesse contexto, a AD é convocada a ampliar seus dispositivos analíticos para compreender como as semioses se imbricam na produção de sentidos, sem perder de vista as condições ideológicas e históricas que as sustentam. Essa ampliação não implica abandonar os fundamentos da tradição discursiva, mas tensioná-los criticamente, reconhecendo que os sentidos se produzem hoje em materialidades complexas e híbridas. Assim, as contribuições futuras da AD residem tanto na atualização de seus instrumentos analíticos quanto na reafirmação de seu compromisso crítico com a compreensão da linguagem como prática social e espaço de disputa simbólica.

Fairclough (2006, p. 29) propõe que "a mudança social pode ser concebida como mudança nas relações entre discurso e outros elementos da vida social." Nesta perspectiva, a AD não apenas documenta transformações sociais; pode contribuir criticamente para sua problematização e para educação de sujeitos capazes de "ler" criticamente os discursos que os atravessam, constituindo-se como prática emancipatória.

Orlandi (2018, p. 157) argumenta que "a análise do discurso não é uma ciência exata. É uma ciência da interpretação," reconhecendo que o conhecimento produzido é sempre situado, perspectivado, não totalizável. Contudo, precisamente por isso, a AD mantém sua relevância: oferece caminhos para compreensão crítica de como a linguagem, longe de ser fenômeno secundário, constitui-se como eixo através do qual realidades sociais são produzidas, mantidas e potencialmente transformadas.

A contribuição mais significativa da AD para o futuro talvez resida em sua capacidade de denaturalizar o "óbvio" discursivo, de mostrar que o que parece natural, universal ou inevitável é, na verdade, produção histórica atravessada por relações de força. Nesta desnaturalização reside a possibilidade de abertura para outras formas de enunciar, de ser e de estar no mundo.

Considerações Finais

A Análise do Discurso, em suas múltiplas vertentes teóricas e metodológicas, constitui-se como campo fundamental de investigação para compreensão crítica de práticas sociais contemporâneas. As contribuições de pensadores como Pêcheux, Fairclough, Orlandi e Bakhtin demonstram que linguagem nunca é inocente; ela funciona

como espaço de significação, de construção identitária, de exercício e contestação de poder.

As três principais tradições aqui discutidas Análise de Discurso Francesa, Análise Crítica do Discurso e Análise Dialógica não se apresentam como exclusivas ou mutuamente excludentes. Antes, constituem-se como perspectivas complementares que, articuladas, oferecem ao pesquisador instrumentais sofisticados para análise de fenômenos discursivos complexos. A escolha de qual tradição ou combinação de tradições utilizar deve estar determinada pela natureza do objeto investigado, pelas questões de pesquisa formuladas e pelas implicações teóricas que diferentes escolhas carregam.

A análise do discurso contemporâneo enfrenta desafios significativos colocados pelas transformações tecnológicas, pela proliferação de discursos em redes digitais e pela emergência de novas formas de subjetividade e socialidade mediadas por plataformas algorítmicas. Contudo, estes mesmos desafios abrem possibilidades inéditas para produção de conhecimento crítico acerca de como sujeitos sociais produzem, reproduzem e contestam ordens discursivas dominantes.

Por fim, a AD não se reduz a técnica analítica aplicável mecanicamente a textos. Ela representa uma postura teórica e ética diante da linguagem, uma recusa em aceitar sentidos como dados e uma abertura para compreensão de como práticas discursivas moldam e podem ser moldadas por transformações sociais emancipatórias. Nesta perspectiva, a Análise do Discurso permanece como campo vivo, crítico e politicamente engajado de investigação, cuja relevância apenas cresce nas sociedades contemporâneas permeadas por multiplicidade de discursos, tecnologias e lutas hermenêuticas sobre o sentido do real.

Referências

ACOSTA PEREIRA, R.; OLIVEIRA, N. M. Discursos digitais e práticas de performatividade identitária em redes sociais. In: ACOSTA PEREIRA, R.; OLIVEIRA, N. M. *Linguagem e tecnologia na era digital*. Campinas: Editora Pontes, 2022.

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de estado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ARAÚJO, D. C. Análise de discurso crítica e identidade social na televisão. *Revista Educação em Revisão*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 45–68, 2009.

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. *O papel da ética na análise dialógica*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CAREGNATO, R. C.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto & Contexto – Enfermagem*, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679–684, 2006.
- COSTA LIMA, D. W. Historicidade, conceitos e procedimentos da análise do discurso. *Revista de Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v. 28, p. 1–8, 2020.
- EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. London: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis: the critical study of language*. London: Longman, 2001.
- FAIRCLOUGH, N. *Analyzing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 2006.
- FERREIRA, C. P. Aplicação teórica e prática da análise de discurso crítica para a análise de textos midiáticos no ensino de línguas. In: *Estudos do discurso: interdisciplinaridade, interseccionalidade, relevância social*. Brasília: UnB, 2021.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- GRAMSCI, A. *Escritos políticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- GREGOLIN, M. R. *História do discurso: o discurso político*. Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2005.
- HABERMAS, J. *Teoria da ação comunicativa*. Madri: Taurus, 2010.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1994.
- HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. *La sémantique et la coupure saussurienne*:

langue, langage, discours. *Langages*, Paris, n. 6, p. 93–106, 2007.

ORLANDI, E. P. A análise de discurso: algumas observações. In: ORLANDI, E. P. *Discurso & texto: formulação e análise de conceitos*. Campinas: Editora Pontes, 1996.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Editora Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso. In: ORLANDI, E. P. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Editora Pontes, 2012.

ORLANDI, E. P. Discurso digital: desafios analíticos contemporâneos. *Revista USP*, São Paulo, n. 219, p. 147–165, 2018.

PAVEAU, M. A. *Linguagem e tecnologia: para uma nova ecologia discursiva*. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. O mecanismo do esquecimento ideológico. *Análise de Discurso*, Brasília, v. 4, p. 161–191, 1995.

SILVA, S. L. Discurso, mídias e ensino: caminhos possíveis. *Revista Linha d'Água*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 78–96, 2020.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2010.

VIEIRA, V. C. Constituição da análise de discurso crítica. *Diálogos*, Maringá, v. 9, p. 1–18, 2005.